

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Última Hora

Class.: DPP 10/11/64

Data: 02.10.64

Pg.: 3

Marina Substitui Pajés no Xingu

Texto de ARLINDO MUNGIOLI — Fotos de WILSON GUERRA



★ MARINA faz as vezes de médico e de pajé no Xingu. Os índios têm por ela verdadeira adoração, mas nenhuma "paixão".

NUMA localidade completamente isolada, no Alto Xingu, Marina Lopes de Lima, enfermeira de 26 anos, natural de São Paulo, dedica-se a curar os índios da região. São dois mil indígenas, distribuídos em nove tribos, que, quando adoecem, procuram Marina.

Há menos de um ano, a moça instalou-se no Posto Leonardo — acampamento do Parque Nacional do Xingu, dirigido por Orlando Villasboas — e já conquistou a difícil confiança do índio. Quando alguém adoce gravemente, em lugar distante, Marina toma o pequeno avião do PNX ou as barcas do rio e vai levar os seus cuidados e remédios para o enfermo. Ela é enfermeira e "enfermeira pratica" — como faz, quer tão de frisar — mas faço ali onde é possível: curativos comuns, extração de dentes, partos mais difíceis e até pe-

quena cirurgia. Não me aculsem de praticar a medicina legalmente — adverte sorrindo — pois aqui as necessidades são tão grandes e os meios tão difíceis que tenho de contar com o pouco que sei". E esse pouco, que todos acham muito, lhe conquistou o apelido carinhoso de "Maezinha da Selva".

O Caso

Marina afirmou que não tem nenhuma frustração, nenhum caso amoroso impossível, nem nada parecido. Explicou que todos lhe perguntam o que aconteceu para ela abandonar a civilização e ir para o meio dos índios do Brasil Central. "Nada, não me história nada". E conta a conhecida o trabalho — "já mãos Villasboas, no Xingu e já havia estado no Posto Leonardo quando senti a necessidade de uma pessoa que aqui executasse o trabalho que realiza nas cidades. Acreditei que poderia faz-lo e, por muito tempo, fiquei pensando na possibilidade de me mudar para lá".

Rumo Certo

Um dia, Marina criou coragem e abandonou São Paulo e a civilização com rumo certo: Posto Leonardo no Parque Nacional do Xingu. Sabia o que a esperava e que seu trabalho seria bastante árduo, mas mesmo assim, topou a experiência. No começo, encontrou dificuldades mas, hoje, sente-se realizada como pessoa humana e é isso que eu procurava — confessa. "Enquanto Orlando permitir, vou ficando por aqui mesmo. Não estou procurando me isolar do mundo mas ficar onde meu trabalho é mais necessário. Prova disso é que quando há oportunidade, viajo para São Paulo para visitar meus pais e ter um contato com a cidade grande. Esse contato é muito importante e eu não o dispensaria pois nossa única ligação com a civilização é feita pelos aviões da FAB que nos visitam semanalmente".

O Trabalho

O trabalho de Marina ultrapassa aquele que é normal para uma enfermeira. A moça alfabetiza um grupo de crianças índias, ensina higiene e costura para as mães sem contar, naturalmente, com os casos de pequena cirurgia. "Mas isso só em caso de emergência quando não prefiro esperar o médico" — afirma. Quem olha para Marina não pode acreditar que aquela moça franzina, que mais parece uma colegial, possa desenvolver toda a atividade necessária para atender todos os casos em que é solicitada. Marina sorri quando lhe observam isso. E sorri mais ainda quando lhe perguntam se nenhum índio se apaixonou por ela, visto que é tão estimada. "Isso é impossível de acontecer — disse — um índio nunca se apaixonaria por uma mulher branca. Ainda não entendi direito mas parece que nós não lhes agradamos esteticamente".